

OVNI no Paraná: o que um físico vê no céu em 2026

Do OVNI do Paraná a Varginha, Colares e o ET Bilu. Não é sobre aliens. É sobre quem ganha quando você acredita.

Fábio Costa · Mestre em Física, Teólogo e Magista

7 de junho de 2026



No fim de maio de 2026, um homem apontou o celular para a serra em Campo Largo, no Paraná, e o Brasil parou. Luzes na linha dos morros, animais agitados, um som metálico na mata. Em menos de quarenta e oito horas, Mayk Leão saltou de cerca de quarenta mil para mais de dois milhões de seguidores. A palavra OVNI voltou a ser assunto nacional.

Sou físico. E a pergunta que me interessa não é se aquilo era uma nave. É outra, mais reveladora: **quem ganha quando você acredita que era?** Porque, quando a poeira começou a baixar, o caso do Paraná virou um manual completo de como uma luz no céu se transforma em fenômeno nacional, e de quem lucra em cada etapa. Mas o manual não é novo. *O Brasil já o executou antes, mais de uma vez.*

PARTE I

O que aconteceu de verdade no Paraná

Começamos pelo desfecho, porque ele é esclarecedor. Conforme outros criadores começaram a investigar o caso, o encanto desandou. Analistas de imagem como Carlos Santana e Jorge Uesu Jr. cruzaram as coordenadas a partir da casa de Mayk e apontaram, na direção exata das luzes, uma chácara-camping chamada **Chácara Paraíso**, a menos de dez quilômetros, com postes de luz branca em intervalos regulares e varais de lâmpadas alaranjadas que, vistos de longe e através da vegetação e do ar quente da serra, dão a impressão de piscar.

A prova mais difícil de contestar veio num teste ao vivo: a própria dona do local foi apagando as luzes enquanto uma câmera filmava, e o objeto luminoso **sumia junto**. Dias depois, quando Mayk republicou a imagem, o objeto aparecia com luzes brancas, não mais coloridas, comportamento de iluminação fixa, não de nave. E as autoridades confirmaram o tom terreno: a Força Aérea Brasileira, pelo DECEA, informou que no dia 31 de maio **nenhum objeto foi detectado pelos radares** de defesa aérea nem reportado por aeroportos da região.

Vale conhecer o personagem. Antes do OVNI, Mayk já tinha viralizado por um pintinho com uma marca que lembrava uma sobancelha. Ele mantém uma propriedade rural com cerca de 280 animais resgatados e, durante a febre, divulgava uma vaquinha para alimentá-los. Não estou dizendo que houve fraude deliberada. Estou dizendo algo mais importante: **não é preciso haver mentira para que todos os incentivos empurrem na direção do extraordinário**. Seguidores, doações, palco. A luz no céu virou um ativo.

E houve o detalhe que beira o constrangedor: Mayk divulgou nos stories um documento que, segundo ele, teria sido enviado por um agente da ABIN para marcar uma reunião sobre o caso. A agência veio a público desmentir, dizendo que **nunca contactou o influenciador** e que não reconhece o documento, que trazia erros de português e de formatação incompatíveis com qualquer comunicação oficial.

A máquina: influencer, mídia e histeria coletiva

O caso do Paraná não foi um evento, foi uma reação em cadeia. Primeiro o vídeo ambíguo. Depois a mídia, que tratou a luz borrada como mistério em aberto: portais convocaram pesquisadores de ufologia para dizer que o padrão de luzes era incomum, sem cravar nada, mas mantendo a porta aberta, porque dúvida vende mais clique do que explicação. Em seguida, a histeria coletiva: cada pessoa que olhava o próprio céu passava a ver naves onde antes via Vênus. Surgiram imitações na mesma semana, um vídeo em Curitiba, outro na Chapada dos Veadeiros que era, na verdade, a iluminação de um festival.

Histeria coletiva não é xingamento, é um fenômeno psicológico real e bem documentado. Quando uma narrativa emocional se instala num grupo, a percepção individual se reorganiza para confirmá-la. Foi assim em 1947 nos Estados Unidos: depois que um jornal traduziu o relato do piloto Kenneth Arnold como *discos voadores*, centenas de pessoas passaram a ver exatamente discos. A forma veio antes dos avistamentos. A descrição criou o que as pessoas enxergaram. O Paraná de 2026 só rodou o mesmo programa em velocidade de internet.

O motor disso tudo é a economia da atenção. Um vídeo de OVNI rende seguidores, monetização, entrevistas, vaquinha. Uma explicação entediante de iluminação rural não rende nada. **O incentivo financeiro empurra para o mistério, nunca para a resposta.** E o que vale para

um influencer no Paraná vale, em escala muito maior, para governos.

PARTE III

Quando o céu vira cortina de fumaça

Aqui a história sai da chácara e chega ao Salão Oval. Em fevereiro de 2026, o presidente Donald Trump ordenou a liberação de arquivos sobre fenômenos não identificados. Em 8 de maio, o Pentágono divulgou a primeira leva: 162 documentos antes secretos, com material do FBI, do Departamento de Estado e da NASA. Para o público que sonha com a grande revelação, parecia o momento da verdade.

Mas observadores de todo o espectro político apontaram outra leitura: o timing. A liberação veio no meio de uma crise externa impopular, e o efeito imediato foi mais político do que extraterrestre. A expressão que circulou foi *objeto brilhante*, no sentido de algo jogado na frente do público para desviar o olhar. Declassificação não como transparência, mas como **controle de narrativa**.

Repare na engenharia. Você não precisa censurar uma notícia ruim. Basta oferecer uma notícia mais brilhante no mesmo instante. O OVNI é perfeito para isso: é fascinante, é inesgotável, mobiliza emoção e não compromete ninguém no poder. Enquanto o país discute se estamos sós no universo, para de discutir a guerra, a economia, a eleição.

O Brasil tem uma longa relação com o que cai do céu

Campo Largo não nasceu do nada. É o último elo de uma corrente que atravessa o século. Para entender por que um técnico de enfermagem virou notícia nacional em quarenta e oito horas, é preciso voltar antes dele e ver que o roteiro já estava escrito. O Brasil, talvez mais que qualquer país, tem um caso de amor antigo com o que aparece no céu, e cada geração reescreveu esse romance com a linguagem do seu medo.

Comece por **Colares**, 1977, ilha no litoral do Pará. Os moradores relatavam luzes que vinham do céu, e às vezes de dentro do rio, e que segundo eles queimavam a pele, paralisavam o corpo, deixavam marcas. O fenômeno ganhou um nome que diz tudo sobre a imaginação que o produziu: *chupa-chupa*, ou *luzes vampiras*, porque diziam que os feixes sugavam o sangue das vítimas, em sua maioria mulheres. O pânico foi tão grande que a Força Aérea fez algo inédito: montou a **Operação Prato**, comandada pelo capitão Uyrangê Hollanda, que de setembro a dezembro daquele ano foi a campo registrar e investigar os relatos. Repare na estrutura, porque ela vai se repetir: terror sincero, explicação grandiosa pronta na boca do povo, e o Estado entrando em cena, o que para uns era prova de que algo sério acontecia, e para outros o início do encobrimento.

Pule vinte anos e você chega ao caso mais famoso de todos, **Varginha**, 1996. Em 20 de janeiro, três jovens, Kátia Xavier e as irmãs Liliane e Valquíria Silva, disseram

ter visto num terreno baldio uma criatura baixa, de pele marrom, olhos vermelhos e protuberâncias na cabeça. Correram para casa dizendo que tinham visto *o diabo*. Em semanas, o susto de três meninas virou o maior incidente ufológico do país: nave caída, seres capturados, militares isolando a área, corpos em viaturas do Exército. A força do caso está em tudo que se grudou nele depois. Houve a morte, semanas mais tarde, do policial Marco Eli Chereze, que para os ufólogos nunca foi bem explicada e virou o coração da teoria do acobertamento. Houve um Inquérito Policial Militar, hoje guardado em **seiscentas páginas no Superior Tribunal Militar**, que concluiu algo prosaico: a criatura provavelmente era um morador conhecido como *Mudinho*, cuja silhueta agachada, sob chuva e penumbra, batia com a descrição. A FAB negou qualquer evidência. As três testemunhas, trinta anos depois, sustentam a mesma história. E o caso virou indústria: livro, série documental, memorial com estátua, coletiva em Washington. **Quando a explicação simples chega, ela chega tarde demais**, contra um mito que já tem estátua.

E então, para fechar o arco, **o ET Bilu**. Porque nem todo caso é engano sincero, e é honesto admitir isso. Em 2009 e 2010, o ufólogo Urandir Fernandes de Oliveira apresentou ao Brasil, numa fazenda em Corguinho, no Mato Grosso do Sul, um suposto extraterrestre humanoide que falava português e mandava a frase que virou meme nacional: *busquem conhecimento*. Record, Band e SBT exibiram o personagem. E aqui o desfecho é limpo, porque alguém foi a campo com a ferramenta certa: quando o CQC mandou entrevistar a criatura, o cinegrafista levou uma câmera com infravermelho e a ligou sem avisar

ninguém. A imagem capturou, no matagal escuro, a fisionomia de um homem com uma espécie de máscara. Anos depois, revelou-se que a voz do *ET* era dublada por um ator. Bilu não foi histeria coletiva nem erro de percepção. Foi produção. E mesmo assim funcionou por anos. A lição do Bilu é a mais incômoda das três: **o público quer tanto acreditar que a fraude nem precisa ser boa.** Precisa só vir embrulhada na promessa certa.

Agora ponha Campo Largo ao lado dos três. O influenciador sincero como em Colares. A narrativa que ganha vida própria como em Varginha. O falso documento que ecoa o Bilu. A diferença é só a velocidade: o que em Colares levou meses de jornal impresso, e em Varginha levou semanas, em Campo Largo levou horas. O mesmo programa, executado em rede de fibra.

PARTE V

O céu como tela de projeção

Por que isso se repete com tanta fidelidade? Porque o OVNI não é, no fundo, um fenômeno do céu. É um fenômeno **religioso e folclórico** que apenas trocou de figurino. Antes de existir disco voador, o que descia do céu eram anjos, demônios, a Virgem, bruxas em vassouras, almas penadas, o Saci no redemoinho de vento, a luz da Mãe-de-Ouro cruzando a mata. O ser humano sempre olhou para cima querendo encontrar uma inteligência maior, e sempre encontrou, porque a mente preenche o escuro com a forma que a cultura tem à mão. Carl Jung percebeu isso já em 1958, quando escreveu um livro inteiro sobre discos voadores sem nenhum interesse

em saber se existiam. O que lhe interessava era a *forma*: o disco é um círculo, e o círculo é uma mandala, símbolo antigo de totalidade e de Deus. E essas ondas de avistamento, notou ele, explodem justamente nos momentos de maior angústia coletiva. O céu recebe a projeção daquilo que a época não consegue elaborar por dentro.

A linha entre o anjo e o alienígena é mais fina do que parece. Em 1918, o ocultista Aleister Crowley desenhou Aiwass, a entidade que dizia ter lhe ditado o *Livro da Lei*: crânio enorme e alongado, rosto afilado, grandes olhos negros. Qualquer criança hoje reconhece na hora o *grey*, o alienígena clássico. Só que Crowley desenhou isso décadas antes de a figura se popularizar. A mesma imagem brotou do inconsciente de um magista e foi batizada, conforme a língua de cada tempo, primeiro como entidade espiritual, depois como tripulante de disco voador. Colares chamou de *vampiro* porque o medo da época vestia roupa de terror gótico e sangue. Varginha viu um demoniozinho de olhos vermelhos, vocabulário direto do catolicismo popular mineiro, tanto que as meninas correram dizendo ter visto *o diabo*. O Brasil profundo, onde a benzedeira convive com a missa e o terreiro com a novena, nunca separou direito o ufológico do sobrenatural. **O folclore não morreu com a modernidade. Ele só aprendeu a falar de naves.**

É por isso que numa cultura que desconfia cada vez mais da religião organizada, mas continua faminta de transcendência, o OVNI virou um **culto sem igreja**. Promete o que toda fé promete: que não estamos sós, que existe um plano, que uma inteligência superior virá, um

dia, esclarecer ou salvar. Troque *nave* por *anjo* e o caso de Campo Largo poderia ter sido contado em qualquer século. O que muda é só o nome que damos àquilo que insistimos em projetar lá em cima.

PARTE VI

O que isso tem a ver com magia

Tudo. Porque a prática mágica séria, ao contrário do que o senso comum imagina, não pede que você acredite na luz do céu. Ela pede o oposto: que você observe a máquina que fabrica a crença dentro de você. Por que sua mente preencheu o escuro tão depressa, e logo com a explicação mais grandiosa disponível? Quem lucrou com a sua fé? Em cada um destes casos havia alguém contando o dinheiro: o influenciador que ganhou seguidores, o portal que ganhou cliques, o ufólogo que vendeu o livro, o governo que ganhou uma cortina de fumaça no momento certo. E você, o que ganhou?

O ceticismo, dizem por aí, mata o mistério. É mentira. O ceticismo **refina** o mistério. Descartar a explicação fácil de uma luz e a explicação grandiosa de uma nave não te deixa com menos perguntas, te deixa com as perguntas certas. E a pergunta certa, em Colares, em Varginha, em Corguinho e em Campo Largo, nunca esteve no céu. Esteve sempre em quem filma, em quem publica, em quem solta um documento na hora exata, e, principalmente, em quem olha para cima já querendo, com todas as forças, acreditar.

Referências e leituras

FAB / DECEA e ABIN — notas oficiais sobre o caso de Campo Largo (junho de 2026)

Portal Vigília e análise de *Jorge Uesu Jr.* sobre a Chácara Paraíso

Força Aérea Brasileira — *Operação Prato*, Ilha de Colares (1977)

Inquérito Policial Militar do *Caso Varginha* (1997, Superior Tribunal Militar)

Reportagem do CQC sobre o *ET Bilu* (2010)

U.S. Air Force — *Project Blue Book* (1952 a 1969, 12.618 casos)

U.S. Department of Defense — primeira leva de arquivos UAP (162 documentos, maio de 2026)

Carl Jung — *Um Mito Moderno sobre Coisas Vistas no Céu* (1958)

Aleister Crowley — *O Livro da Lei* e o desenho de Aiwass (1904 e 1918)

Carl Sagan — *O Mundo Assombrado pelos Demônios* (1995)

Daniel Kahneman — *Rápido e Devagar* (2011)

Observação metodológica. Este PDF é gerado a partir do mesmo texto publicado em profabio.com.br. Analogia não é prova: as aproximações entre domínios servem para orientar a investigação, não para encerrá-la.

Versão canônica e atualizada: <https://profabio.com.br/heresias/ovni-no-parana-o-que-um-fisico-ve>
profabio.com.br